

# SABERES MEDICINAIS DA EMBAÚBA (*CECROPIA PACHYSTACHYA*): PERSPECTIVAS CODOENSES

Samira Machado de Jesus<sup>1</sup>; Francilene da Silva Batista<sup>2</sup>; Lourenço Oliveira dos Santos<sup>3</sup>; Dr. Caio Veloso<sup>4</sup>

## Resumo

O presente estudo justifica-se pela relevância do conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais, especialmente a embaúba (*Cecropia pachystachya*), como recurso terapêutico em comunidades com acesso limitado a medicamentos industrializados. O objetivo foi analisar os saberes e práticas relacionados ao uso medicinal dessa espécie nas comunidades Santa Bárbara e Recurso, em Codó-MA, destacando sua importância cultural, social e científica. A metodologia adotada consistiu em estudo qualitativo descritivo, com pesquisa de campo e aplicação de questionários a 20 moradores, abordando aspectos sociodemográficos, ocupacionais e percepções sobre a planta. Os resultados indicaram que a maioria reconhece e utiliza a embaúba em tratamentos de saúde, principalmente por meio do chá das folhas e da água das raízes, associando-a a benefícios contra inflamações, problemas digestivos, renais e respiratórios. Observou-se forte transmissão oral do conhecimento, coexistindo com informações digitais, e interesse das comunidades em ampliar o aprendizado por meio de oficinas e palestras. Conclui-se que a embaúba é amplamente valorizada como recurso medicinal e cultural, reforçando a necessidade de políticas públicas e pesquisas que integrem saberes populares e científicos, garantindo a preservação desse patrimônio biocultural e a promoção da saúde comunitária.

**Palavras-chave:** Conhecimentos tradicionais; plantas medicinais; biodiversidade.

**Financiamento:** Este projeto teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

---

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFMA do IFMA - *Campus* Codó; E-mail: samiramachado606@gmail.com

<sup>2</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFMA do IFMA - *Campus* Codó; E-mail: francilenebatista@acad.ifma.edu.br

<sup>3</sup>Estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Agrárias do IFMA do IFMA - *Campus* Codó; E-mail: lourencoprofissional4@gmail.com

<sup>4</sup>Professor do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFMA - *Campus* Codó; E-mail: caio.veloso@ifma.edu.br

## **Introdução**

A humanidade, ao longo de sua trajetória, acumula um vasto repertório de conhecimentos sobre o ambiente, construindo uma relação de interação contínua com a natureza. Essa relação possibilita a compreensão do meio ambiente e a troca de informações entre o ser humano e seu habitat, fundamental para adaptação e sobrevivência. Entre os diversos saberes desenvolvidos, destaca-se o uso tradicional das plantas para tratamento de doenças, prática que remonta aos primórdios da civilização e permanece até os dias atuais, configurando-se como importante legado cultural e científico (França *et al.*, 2008).

O uso de recursos naturais para fins medicinais tem grande importância social, especialmente em regiões onde o acesso a medicamentos convencionais é dificultado por fatores econômicos ou geográficos. Dessa forma, a utilização de plantas medicinais torna-se alternativa viável e acessível, além de contribuir para redução de custos associados à saúde. No contexto desta pesquisa, destaca-se a embaúba (*Cecropia pachystachya*), pertencente à família Urticaceae, amplamente distribuída no Brasil e presente em praticamente todo o território nacional, conhecida por diversos nomes regionais, como imbaúba, embaúva, árvore-da-preguiça e umbaúba-branca.

A importância desta pesquisa reside na valorização da embaúba como recurso terapêutico tradicional, muitas vezes o único disponível para comunidades com menos acesso a medicamentos industrializados, e na promoção do conhecimento acumulado ao longo das gerações. Além disso, o estudo contribui para métodos alternativos de tratamento, conservação do patrimônio biocultural e avanço dos conhecimentos científicos sobre plantas medicinais.

Diante do exposto, o objetivo do presente foi analisar os saberes e práticas relacionados ao uso medicinal dessa espécie nas comunidades Santa Bárbara e Recurso, em Codó-MA, destacando sua importância cultural, social e científica.

## **Metodologia**

A investigação em questão trata de um estudo qualitativo descritivo, que adota uma abordagem de pesquisa focada na interação entre o sujeito e seu ambiente, reconhecendo a importância da subjetividade tanto dos participantes quanto do pesquisador, e rejeitando a ideia de um trabalho completamente imune a influências externas (Augusto *et al.*, 2013).

O objetivo é descrever as características de uma população ou fenômeno e estabelecer relações entre variáveis (Maia, 2020).

A pesquisa foi desenvolvida nas comunidades Recurso e Santa Bárbara, no município de Codó-MA, localizado às margens do rio Itapecuru, na mesorregião Leste Maranhense, abrangendo aproximadamente 4.361,606 km<sup>2</sup> e com população estimada de 114.275 habitantes, criado pela Lei n<sup>o</sup> 13, de 16 de abril de 1896 (IBGE, 2022). Os limites territoriais incluem municípios como Coroatá, Timbiras e Chapadinha ao Norte; Dom Pedro, Gonçalves Dias, Caxias e Governador Archer ao Sul; Chapadinha, Afonso Cunha e Aldeias Altas a Leste; e Coroatá, Lima Campos e Santo Antônio dos Lopes a Oeste (Mohana, 2022).

O estudo buscou analisar os conhecimentos e crenças dos moradores sobre os efeitos terapêuticos da embaúba (*Cecropia pachystachya*), sem quantificar dados. A metodologia se deu por natureza experimental, com pesquisa em campo (Goldenberg, 2010). A coleta de dados ocorreu por meio de questionário aplicado a 20 moradores, abordando caracterização dos participantes, escolaridade, perfil socioeconômico, tempo de moradia e conhecimentos medicinais sobre a embaúba.

As respostas foram analisadas com o objetivo de compreender as percepções e significados atribuídos ao tema, à luz do referencial teórico da pesquisa, possibilitando interpretação crítica e articulação com os objetivos do estudo.

## **Resultados e Discussão**

Os dados das comunidades Santa Bárbara e Recurso permitem compreender como vivem os moradores, seus vínculos com o território e como se organizam social e culturalmente. As respostas ao questionário mostram quem são, há quanto tempo residem no local, com o que trabalham e indicam a presença de diferentes gerações.

Compreender o perfil sociodemográfico é essencial para analisar práticas culturais, como o uso de plantas medicinais. Informações como idade, sexo, tempo de residência e ocupação ajudam a entender quem são os guardiões desses saberes e como são transmitidos. Laços familiares e vivência prolongada fortalecem a continuidade do uso e valorização dos recursos naturais, e, como aponta Santos (2023), conhecer essas características contribui para políticas públicas e ações de saúde.

Na comunidade Santa Bárbara participaram 10 moradores, 6 homens e 4 mulheres. Na comunidade Recurso, também com 10 participantes, a maioria é feminina (7) e 3 são homens. Essa distribuição pode refletir o protagonismo das mulheres em certas

atividades ou maior abertura à participação em pesquisas sociais, como afirma Silva et al. (2020), que destaca que a mulher ocupa papel central nos cuidados com a saúde da família, sendo vista como principal guardiã dos saberes populares sobre plantas medicinais, reforçando sua importância na preservação e transmissão desses conhecimentos.

Na análise das faixas etárias dos participantes, observou-se equilíbrio entre diferentes idades nas duas comunidades, evidenciando diversidade etária entre os moradores. Em Santa Bárbara, três pessoas tinham entre 18 e 35 anos, três entre 36 e 55 anos e quatro entre 56 e 80 anos. A comunidade Recurso apresentou o mesmo padrão, indicando que jovens, adultos e idosos participam das práticas tradicionais, contribuindo para a transmissão e preservação do conhecimento sobre a embaúba.

Quanto ao tempo de moradia, a maioria dos participantes de ambas as comunidades vive no território há mais de 15 anos, evidenciando vínculo com o local e convivência marcada por experiências compartilhadas. Em Santa Bárbara, cinco moradores residem há mais de 15 anos, três de 1 a 5 anos e dois de 6 a 15 anos; em Recurso, sete vivem há mais de 15 anos, dois de 6 a 15 anos e um há menos de 6 anos. Segundo Barberino (2024), a permanência no território e a participação em ações coletivas fortalecem os vínculos comunitários e o sentimento de pertencimento.

A análise das ocupações nas comunidades Santa Bárbara e Recurso mostra predominância de trabalhadores rurais e informais, como lavradores, aposentados, autônomos, quebradeiras de coco e estudantes. A presença de lavradores (5 em Santa Bárbara e 4 em Recurso) evidencia a forte ligação das comunidades com a agricultura de subsistência.

A presença de aposentados e pessoas sem ocupação, especialmente jovens fora da escola, indica limitações de acesso ao emprego formal e à educação. A informalidade em atividades autônomas e tradicionais evidencia vulnerabilidade social, corroborando Da Rosa (2021) sobre a alta rotatividade e poucas oportunidades de transição para o emprego formal, reforçando a necessidade de políticas públicas adequadas.

Buscando compreender o grau de familiaridade dos participantes com o uso medicinal da embaúba, percebe-se que esse saber está fortemente enraizado na vivência cotidiana das comunidades. A maioria já ouviu falar sobre os poderes medicinais da planta, evidenciando sua presença simbólica e prática nas relações com a natureza. No questionário, 17 dos 20 entrevistados responderam “sim” à pergunta sobre conhecimento da embaúba, enquanto apenas 3 afirmaram nunca terem escutado, demonstrando a

relevância cultural do vegetal.

Entre os 17 que responderam afirmativamente, 12 obtiveram a informação por amigos e familiares (5 em Recurso e 7 em Santa Bárbara), reforçando a tradição oral na preservação de saberes populares, característica de contextos rurais (Martins et al., 2025). Quatro participantes da comunidade Recurso mencionaram a internet como fonte de aprendizado, demonstrando a integração entre saber tradicional e tecnologia, especialmente entre os mais jovens e com maior acesso a meios digitais (Marín, 2014). Apenas um participante de Santa Bárbara citou práticas de medicina tradicional, como rezadeiras e curandeiros, evidenciando a persistência de saberes ancestrais (Carvalho et al., 2022).

Os dados revelam a convivência entre diferentes formas de conhecimento, sabedoria oral, medicina tradicional e informação digital, mostrando como as comunidades integram tradição e inovação na preservação do saber popular sobre a embaúba.

Ao investigar o conhecimento e uso da embaúba nas comunidades Recurso e Santa Bárbara, 15 dos 20 entrevistados já haviam utilizado a planta ou conheciam alguém que a usou, enquanto cinco não tiveram experiência. As finalidades incluíram cicatrização de feridas, gastrite, problemas renais, anemia, ações anti-inflamatórias, problemas respiratórios e hipertensão, mostrando o caráter multifuncional da planta (Carvalho, 2023). Dez participantes consideraram os efeitos “muito eficazes” ou “eficazes”, enquanto sete não sabiam opinar, indicando que parte da população ainda carece de experiência direta (Castro, 2021).

A diversidade nas respostas e a existência de participantes sem experiência prática reforçam a necessidade de ações educativas, como oficinas, palestras e produção de materiais informativos, que ampliem o acesso ao conhecimento tradicional, fortaleçam a confiança na planta e incentivem seu uso seguro. Em síntese, a embaúba é um recurso medicinal reconhecido e valorizado, mas seu uso e percepção de eficácia apresentam nuances, indicando a importância de estratégias integradas de educação, pesquisa e valorização do saber popular para garantir a continuidade das práticas tradicionais e a saúde coletiva.

Para compreender o uso medicinal da embaúba, foi perguntado aos participantes como utilizam a planta. O método mais comum é o chá das folhas, mencionado por seis entrevistados (quatro em Recurso e dois em Santa Bárbara), usado no tratamento de inflamações e distúrbios digestivos. Outra prática frequente é a coleta da água das raízes,

indicada por sete participantes (cinco em Santa Bárbara e dois em Recurso), obtida após cerca de 24 horas. Outras formas, como tinturas, extratos ou aplicação direta das folhas, não foram citadas, evidenciando preferência por métodos caseiros e acessíveis (Xavier, 2021).

Quanto ao preparo, 14 participantes afirmaram saber realizar as técnicas, enquanto seis não souberam informar. Os procedimentos mais recorrentes foram cortar as raízes e coletar a água após 24 horas, ou preparar chá com folhas e cascas bem fervidas. Esses dados indicam conhecimento prático consolidado e transmitido oralmente, reforçando a preservação dos saberes tradicionais (Nery, 2021). Embora não sigam padrões biomédicos, essas práticas representam saber legítimo e funcional. Sua valorização, aliada à orientação segura, pode fortalecer o diálogo entre saberes populares e científicos, garantindo continuidade, confiança e preservação cultural, essenciais para a identidade comunitária (Nery, 2021).

Uma parte importante da pesquisa buscou entender como os conhecimentos tradicionais sobre os usos medicinais da embaúba são repassados entre gerações nas comunidades Recurso e Santa Bárbara. Foi perguntado: “Você acredita que os conhecimentos tradicionais sobre o uso medicinal da embaúba estão sendo transmitidos para as novas gerações?” A maioria respondeu que sim (6 em cada comunidade), mas também surgiram respostas negativas (3 em Recurso e 2 em Santa Bárbara) e algumas sem opinião (1 em Recurso e 2 em Santa Bárbara), indicando que, embora parte da população compartilhe esse conhecimento, outra já percebe perda ou desconhecimento, com risco de enfraquecimento desses saberes ao longo do tempo (Rodrigues et al., 2021).

Para verificar o interesse em aprender mais, foi perguntado: “Você gostaria de aprender mais sobre os usos medicinais da embaúba por meio de oficinas ou atividades comunitárias?” Quase todos disseram “sim”: 10 participantes de Recurso e 9 de Santa Bárbara, enquanto apenas uma pessoa de Santa Bárbara respondeu “não”. Esses resultados revelam o desejo da população em conhecer melhor os usos da embaúba em espaços de troca de saberes, reforçando a importância de oficinas, rodas de conversa e ações comunitárias para preservar o conhecimento tradicional e fortalecer a identidade cultural e a autonomia em saúde (Da Silva *et al.*, 2022).

A investigação sobre o fortalecimento do conhecimento dos poderes medicinais da embaúba nas comunidades Recurso e Santa Bárbara revelou grande interesse por iniciativas educativas. Palestras e oficinas foram as mais citadas em ambas as localidades, com oito participantes em cada comunidade destacando sua importância como espaços

de aprendizagem e troca de experiências, conforme Flávio e Cichoski (2024). Em Recurso, também surgiram sugestões de produção de materiais educativos e maior apoio de profissionais de saúde; em Santa Bárbara, essa última foi mencionada por dois participantes, evidenciando demanda por formas mais formais e acessíveis de divulgação (Silva *et al.*, 2021).

Os dados indicam que a embaúba é amplamente conhecida nas comunidades, principalmente por familiares e práticas tradicionais. A maioria já utilizou ou conhece alguém que utilizou a planta para tratar gastrite, problemas renais, feridas ou como anti-inflamatório, com chá das folhas e água das raízes como preparos mais comuns. O interesse por oficinas reforça o desejo de aprofundar e preservar esses saberes, evidenciando a relevância da embaúba no cuidado tradicional à saúde.

### **Considerações finais**

A pesquisa evidenciou que o conhecimento tradicional sobre a embaúba (*Cecropia pachystachya*) é transmitido entre gerações, oferecendo uma alternativa acessível e culturalmente legítima para a saúde, especialmente em comunidades com acesso limitado a medicamentos. Além de suas propriedades terapêuticas, a planta contribui para a preservação do patrimônio biocultural, práticas sustentáveis e conservação da biodiversidade.

Os resultados reforçam a necessidade de aprofundar estudos farmacológicos e integrar saberes tradicionais e científicos, assim como implementar políticas públicas que valorizem e promovam o uso seguro da embaúba, garantindo benefícios para as gerações presentes e futuras.

### **Agradecimentos**

Agradeço a todos que tornaram essa pesquisa possível: FAPEMA; Caio Veloso (Professor do IFMA - *campus* Codó); todos os docentes que aceitaram participar da pesquisa.

### **Referências**

AUGUSTO, C. A. *et al.* Pesquisa qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília (DF), v. 51, p. 745-764, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/resr/a/gkP8kCwdXG9pWjpQXnvWQ6c/?lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2025.

BARBERINO, Elaine da Silva. **Educação e práticas sociais: vivências e experiências de uma líder comunitária na Comunidade Terra do Sol e adjacências**. 128 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias) – Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas – Nelson de Abreu Júnior, Anápolis, 2024. Disponível em: [https://www.btd.ueg.br/bitstream/tede/1503/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_ELAI\\_NE\\_DA\\_SILVA\\_BARBERINO.pdf](https://www.btd.ueg.br/bitstream/tede/1503/2/DISSERTA%C3%87%C3%83O_ELAI_NE_DA_SILVA_BARBERINO.pdf). Acesso em: 23 ago. 2025.

CARVALHO, Pablo Silva de et al. **Aspectos etnofarmacológicos, fitoquímicos e farmacológicos da Cecropia pachystachya Trécul (Embaúba): uma revisão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biomedicina) – Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, 2023. Disponível em: <http://dspace.ufdpar.edu.br/jspui/handle/prefix/491>. Acesso em: 23 ago. 2025.

CASTRO, Marta Rocha; LÉDA, Paulo Henrique Oliveira. Normativas sanitárias e a distribuição geográfica na fabricação de fitoterápicos no Brasil. **Revista Fitos**, v. 15, n. 4, p. 550–565, 2021. Disponível em: <https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revistafitos/article/view/1229>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CARVALHO, Gleyce Martins de. **Mulheres benzedeiros e a R-existência de práticas e saberes através de rezas e plantas que curam**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11612/4306>. Acesso em: 23 ago. 2025.

COCK, Nayara Rudeck Oliveira Sthel; CARLETTO, Amanda Firme; SOARES, Gabriella Barreto; SILVA, Fábio Hebert da. Plantas medicinais e cuidado em saúde na comunidade: roda de conversa como instrumento de gestão compartilhada. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 351–366, 2024. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/71528>. Acesso em: 18 ago. 2025.

DA ROSA, Estefani Isabel. **Uma análise do mercado de trabalho formal: emprego e rotatividade no Brasil (2013-2019)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Chapadão do Sul, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/4979>. Acesso em: 23 ago. 2025.

DA SILVA, Luzia Wilma Santana; PAMPONET, Lohana Soares. Saberes populares no uso de plantas medicinais: tradição de valor familiar na convergência aos saberes científicos. **REVISE - Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências**

**da Saúde**, v. 9, n. fluxo contínuo, p. 325–351, 2022. Disponível em:  
<https://www3.ufrb.edu.br/index.php/revise/article/view/2646>. Acesso em: 14 ago. 2025

FLÁVIO, Luiz Carlos; CICHOSKI, Pamela. Resgate das memórias sobre plantas/hortaliças medicinais: experiências vividas na horta comunitária Amarbem/Cimmad. **Revista Territorial**, Goiás – GO, v. 13, p. 129–152, 2024. Disponível em:  
<https://www.revista.ueg.br/index.php/territorial/article/view/15643/10769>. Acesso em: 20 ago. 2025.

FRANÇA, I. S. X. *et al.* Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/reben/a/Tb7ZN6jyqXWzQPxRxX8bm7z/?lang=pt>. Acesso em: 22 jun. 2025.

GOLDENBERG, J. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: Panorama de Codó (MA)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/codo/panorama>. Acesso em: 22 jun. 2025.

MARÍN, Edna Arévalo. **Dinâmica e transmissão cultural do conhecimento etnobotânico em comunidades rurais**. 115 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2014. Disponível em:  
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4565/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2025.

MAIA, A. C. B. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: Elaboração, aplicação e análise de conteúdo**. São Paulo: Pedro e João, 2020.

MOHANA, C. F. **Levantamento epidemiológico da leishmaniose visceral canina: análise dos números de casos e medidas preventivas adotadas no município de Codó-MA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Codó, 2022. Disponível em: <http://repositorio.ifma.edu.br/jspui/handle/123456789/1183>. Acesso em: 23 ago. 2025.

NERY, João Carlos Santiago. **Saberes e práticas populares em saúde: um estudo sobre raizeiros(as) do mercado municipal de Araguaína/TO**. 118 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2021. Disponível em: [https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3423?locale=pt\\_BR](https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3423?locale=pt_BR). Acesso em: 13 ago. 2025.

RODRIGUES, Eliete Serra; BRITO, Noelma Miranda de; OLIVEIRA, Vânia Jesus Santos. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por alguns moradores de três comunidades rurais do município de Cabaceiras do Paraguaçu/Bahia. **Biodiversidade Brasileira**, v. 11, n. 1, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://revistaelectronica.icmbio.gov.br/index.php/BioBR/article/view/1645>. Acesso em: 14 ago. 2025.

SANTOS, Alessandra Dias dos. **Plantas medicinais e agricultura familiar**: estudo do perfil socioeconômico e levantamento de etnoespécies cultivadas na comunidade São João, Tomé-Açu/PA. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Universidade Federal Rural da Amazônia, Tomé-Açu, 2023. Disponível em: <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/2771>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SILVA, L. B. et al. Construção de uma cartilha educativa com uso de plantas medicinais no controle de infecções respiratórias agudas durante a pandemia de Covid-19. **Ciência, Tecnologia & Educação, Campina Grande**, v. 7, n. 1, p. 78–89, 2021. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/cite/article/view/78>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SILVA, Cainã; ARAÚJO, Breno; VIANA, Douglas; NUNES, Tiago; LUCENA, Luiza. **A atuação da Incubadora de Tecnologias Sociais da UFPE no fortalecimento de grupos de mulheres que praticam agricultura urbana e periurbana na Região Metropolitana do Recife**. Trabalho apresentado no XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, SE, maio 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/384324103>. Acesso em: 20 ago. 2025.

XAVIER, Reinato Andrade Tembo. **Resgate, uso e conservação de plantas medicinais na comunidade Cristolândia, Humaitá-AM**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2021. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8147>. Acesso em: 20 ago. 2025.